

# Notícias Magazine

Opções políticas  
dos Black Eyed Peas

A portuguesa  
mais importante  
do mundo

## Viver sem TV



Cinco histórias  
de pessoas que não  
têm televisão



nostalgia

## Só os portugueses lhe chamam Salazar

Espátula, raspador, raspadeira, rapa-tudo, rapa-tachos. Por vários nomes responde esta pá, mas nenhum nos traz tantas memórias como «salazar». E esse leva-nos de volta a outros tempos de crise e escassez.

**PÁ SALAZAR**  
Dantes era de madeira, agora é de plástico e silicone. E está exposta em Nova Iorque.

TEXTO CARLA MAIA DE ALMEIDA

U tensílio de serventia comprovada nas casas portuguesas, o nosso melhor salazar é feito de pinho ascético e borracha sinuosa, materiais que conservarão melhor as suas qualidades se forem lavados à mão. Outra coisa não se recomenda a um objecto que ainda hoje se rebela contra a era da máquina, afirmando-se como puro artesanato e não carecendo de outra energia senão a do corpo humano. Nesse aspecto, o salazar é e será sempre um resistente, avesso à industrialização e ao consumismo – tal como o homem que, sem querer, o baptizou. «Devo à Providência a graça de ser pobre», disse, enquanto geria com rigor draconiano a economia do país.

Na sua habilidade em chegar ao fundo dos tachos e das tigelas, extraindo o remanescente, o salazar é insuperável. É, também, um símbolo da igualdade culinária, já que não faz distinção entre a massa exuberante de um soufflé de camarão e um prosaico pão-de-ló, a todos rapando com a mesma eficácia. Inquirindo junto dos vivos, há quem ainda se lembre dele talhado somente em madeira, com a parte aplanada fina. Hoje conhecemo-lo com o toque do plástico ou do silicone, banalidade compensada por muitas cores e eventual design que não chegam para fazer esquecer o genuíno salazar que figura nesta página. Fabricado por uma empresa familiar da zona do Porto,

passou para a loja A Vida Portuguesa e daí para o Museum of Modern Art (MoMA) em Nova Iorque e Tóquio. Exibe-se agora, ao lado da torradeira de alumínio ou da vassoura de palha, numa montra de produtos genuinamente portugueses. Salazar, que raramente saía do país e gastava as solas dos sapatos até se romperem, teria certamente achado tudo isto uma enorme falta de modéstia.